

POLINDO AS ALMAS COM A LIXA DO VERSO: EXPERIÊNCIA COM AGRESSORES DE MULHERES

Idonézia Collodel Benetti¹

Edla Grisard²

Angela Palhano³

O termo “violência doméstica” tem se tornado conhecido e divulgado, principalmente pelos canais midiáticos. Embora esse termo descreva encontros violentos de vários tipos, vemos que ele evoca, ainda, o resultado de relacionamentos turbulentos entre casais. Segundo uma pesquisa realizada pelo DataSenado, os maridos/ companheiros são apontados como agressores em 87% dos casos de violência doméstica, sendo que 59% está envolvido em violência física como o principal meio utilizado contra a mulher.

Entretanto, apenas o cuidado com a “vítima” não se faz suficiente para que se estabeleçam mudanças na relação violenta. Evidencia-se que existe uma necessidade de minimizar os efeitos que a violência causa no próprio agressor.

Pensando nessas demandas, o presente trabalho se propõe relatar a experiência vivida com agressores de mulheres encaminhados pelo poder judiciário de uma cidade do Alto Vale do Estado de Santa Catarina. É um relato de experiência, de 10 encontros, distribuídos sistematicamente em uma reunião semanal de aproximadamente 90 minutos, com um grupo de agressores de mulheres penalizados pela Lei Maria da Penha, e teve como objetivo aproximar uma demanda social esquecida pelo poder público com intervenções mediadas pela Arte.

As intervenções contemplaram o uso de poemas e contos como instrumentos mediadores da subjetividade dos informantes, e foram divididas didaticamente em três temas/módulos, a saber: **Violência, Esperança e Mudança**.

Considerando que os sujeitos são produtos e produtores do meio social onde vivem, torna-se relevante estudar as questões da violência à luz da teoria sócio-histórica, não somente como uma argamassa que auxilia a edificação da desigualdade entre “vítimas” e agressores, mas porque é também construção passível de desconstrução e (re)significações (Vygotski, 2000).

Uma mudança de comportamento passa necessariamente pela construção de novas interações sociais. O motor do desenvolvimento humano são os processos proximais, ou seja, são as interações face-a-face, diretas, que quando prolongadas por determinado tempo e ao se tornarem mais

¹ Doutoranda em Saúde Coletiva na UFSC

² Doutora em Psicologia

³ Coordenadora do Departamento de Artes Visuais da UNIDAVI

complexas, exigindo mais dos participantes da interação, causam um impacto no desenvolvimento humano, modificando padrões de relação (Bronfenbrenner, 2002).

Pautada no aporte teórico que norteia a Psicologia Social, com abordagem qualitativa, foram utilizadas gravações de áudio com transcrição. Os resultados revelaram mais aproximação com a família, alívio de tensões e medos, diminuição do consumo de bebidas alcoólicas, pedido de perdão para a mulher agredida, volta ao relacionamento com a ex-mulher. Criar/brincar com a arte e refletir sobre a produção advinda dessa experiência, bem como vivenciar eventos catárticos, pode ser uma maneira de tomar consciência de si e do Outro. Pode ser um caminho para lidar com estresse, experiências desagradáveis, além de melhorar habilidades cognitivas e apreciar os prazeres de “fazer arte”.

Palavras-chave: Agressores. Mulheres. Arte. Intervenção.